

Atravessar fronteiras: o papel do escritor/ crítico latino-americano

Miriam L. Volpe (FALE/ UFJF)

“Nenhuma teoria pode ser desenvolvida sem encontrar uma espécie de muro e é necessária a prática para furá-lo.”

Giles Deleuze.

Pensar as fronteiras, na contemporaneidade, significa considerá-las só como uma austera categoria da geografia. A noção de fronteira hoje, como comenta Edmund Leach, pode ser considerada como um discurso cultural e simbólico, um imaginário produtor de sentido, um não-lugar codificado permanentemente como espaço de conflito. Nossa percepção sensível do mundo hoje nos oferece um contínuo e os limites nada mais são do que interrupções artificiais daquilo que é contínuo por natureza.

A partir destas considerações, este trabalho se propõe a discutir as dificuldades criadas pelas fronteiras dentro das quais o escritor latino-americano tenta desempenhar seu papel e definir seu lugar de enunciação: atravessar o muro que a marginaliza para fazer ouvir sua voz.

Documenta-se, em *A cidade das letras*, que já no México do século XVI, as paredes do templo asteca, que haviam sido caiadas para converter o recinto sagrado em residência do conquistador, Cortés, amanheciam grafitadas por protestos em que os capitães do exército espanhol expressavam sua insatisfação para com as decisões de seu líder. Sentiam-se ludibriados pelo seu comandante na partilha do espólio após a derrota do império *náuatle*. Cortés lhes respondia, a cada manhã, sobre os mesmos muros, mas em verso, até que, irado pela insistência das reclamações, decidiu

encerrar o diálogo com as seguintes palavras: “Parede branca, papel dos néscios” (RAMA, 1984, p. 64-65).

Condenava-se, assim, desde os primórdios da conquista da América, não só a possibilidade da contestação perante a injustiça, mas também a transgressão do grafite às normas que o poder da sociedade metropolitana determinava para a língua e o lugar de inscrição da escritura. Enquanto isso, os astecas, verdadeiros donos das riquezas disputadas, não tinham nem vez, nem voz.

Quando após os movimentos independentistas da América Latina, no princípio foram os muros das fronteiras territoriais para delimitar os estados/ nação do continente, mas no princípio também foi o verbo — a letra que intermediava na construção das culturas e identidades nacionais dentro dessas fronteiras. Muitos são os textos teóricos que atestam a tradição desse papel mediador do intelectual letrado.

Mas, a partir do momento em que a artificialidade — tanto das fronteiras territoriais quanto das do saber — tornou-se clara, o escritor e o crítico latino-americanos declaram a implosão dos limites excludentes e marginalizantes da ideologia literária hegemônica como matriz das formas de produção e de recepção da literatura em nossas sociedades.

Tem se revelado na instrumentação de uma variedade enorme de conceitos operatórios, ou subterfúgios, como recursos para atravessar os limites impostos, tais como: calibanismo, dialética da malandragem, entre-lugar, estética da fome, extradição, hibridismo, idéias fora do lugar, literatura de fundação, mestiçagem, mirada estrábica, modernidade periférica, razão antropofágica, realismo mágico, subalternidade, super-regionalismo, transculturação, tropicalismo, entre outros.

Hoje, os mais recentes processos históricos da globalização, da democratização e da descolonização estão transformando, não só a forma em que a cultura e a literatura são concebidos e estudados academicamente, mas também como se articulam os lugares e os saberes. Aparecem riscos de consolidação de novas

formas de hegemonia, de marginalização e de subalternidade, que se somariam às nunca superadas estratégias excludentes da modernidade em função das crises sociais, culturais e ideológicas (Cf. MORAÑA, 1997). Em resposta a isso, a crítica (como a própria origem grega da palavra indica: *Krisis*) tem passado por momentos decisivos em que ações imediatas deviam ser tomadas para resolvê-los, tanto dentro da teoria literária em geral, como na latino-americana.

Surgiram os estudos culturais na tentativa de compreender e integrar os novos fenômenos migratórios, o feminismo, o movimento homossexual, a tecnocratização do ensino, as reivindicações do regional dentro da globalização etc. Nesse momento houve também um movimento para uma negociação das fronteiras disciplinares entre ciências sociais, antropologia, novos estudos históricos e literários, assim como esforços para estabelecer uma nova epistemologia fronteiriça que acolhesse o regional e o popular dentro da totalidade transnacional.

Merecem destaque, dentro desse processo, as preocupações com os efeitos e perigos de uma dominação teórica, exercida a partir de centros de poder econômico e cultural, que assumiu a necessidade de teorizar não só sobre e para a América Latina, mas também pela totalidade do continente que parecia não ser capaz de produzir seus próprios parâmetros de conhecimento, considerados como “balbucios” (Cf. ACHUGAR, 2006).

Há ainda mais. Quando se aponta para as fronteiras econômicas que pesam sobre a intelectualidade latino-americana que, para poder exercer a crítica literária e cultural, é obrigada a depender de bolsas, projetos internacionais ou empregos no exterior, pareceria que são criadas novas divisões (epistemológicas, éticas e políticas) entre os intelectuais diaspóricos e os radicados na América Latina, o que condenaria nossa crítica a falar desde mais de um lugar (Cf. CAMPA, 1996).

Apareceram também fronteiras, dentro do pós-colonialismo, para o colonialismo que a América Latina sofre, desde sua independência, por vias indiretas e

disfarçadas e que em muito difere da forte presença de uma longa tradição imperial que predominou, até muito recentemente, nos países asiáticos. A maioria da comunidade de intelectuais periféricos radicados na academia euro/ norte-americana parece aplicar à América Latina um discurso formulado originariamente por intelectuais diaspóricos como Bhabha, Said, Appadurai, Spivak, Hall. Suas teorias, embora tenham um caráter original e inteligente, podem ser questionadas no que se refere aos aspectos que tangem a especificidade da nação e ao papel do intelectual no continente (Cf. ACHUGAR, 1994).

Na busca de saídas possíveis, pode ser considerada a visão de Walter Mignolo de que a “diferença colonial” permanece na concentração de poder e controle das nações “fortes” para com as mais “fracas”. Ao propor o pós-ocidentalismo, advoga que seja uma alternativa latino-americana para o orientalismo (exótico), o pós-modernismo (eurocêntrico) e o pós-colonialismo (diaspórico), ao afirmar que as vozes subalternas emergentes nas epistemologias de fronteira (*border thinking*) rompem com as dicotomias do imperialismo cultural (Cf. MIGNOLO, 2000). Dar-se-ia, assim, maior ênfase à idéia de diferença regional criando um lugar de enunciação a partir do qual um novo pensamento diferencial poderia ser produzido.

Por outro lado, Abril Trigo propõe um novo conceito que, de certa forma, ameniza as quebras e crises acima mencionadas. Coloca que as fronteiras que causam assimetrias de poder entre o que se fala “desde” e “sobre” América Latina, em vez de serem linhas divisórias entre coisas diferentes — limites, (*borders*) — sejam transformadas em *frontería*, antigo sinônimo, em espanhol, para fronteira, que indicava criar novas frentes, construir, abrir caminhos. Não mais uma linha, mas um espaço fronteiriço (*borderline*) onde predominam a ação, a mobilidade, o avanço,

pois a fronteira define territórios, a *frontería* desenha paisagens; a fronteira fixa identidades, a *frontería* abre relações; a fronteira delimita espaços, a *frontería* articula lugares; a fronteira afunda raízes, a *frontería* se espalha em rizoma, a

fronteira legisla a razão do Estado, a *frontería* é indiferente à Nação; a fronteira é marca da História, a *frontería* habilita memórias fragmentárias (TRIGO, 1995, p. 75).

Para Trigo, o pensamento emitido na *frontería* seria um pensamento não epistêmico, pois um epistema só se constitui numa atribuição retrospectiva de sentido, num falar “sobre desde”: A epistemologia ocidental é uma epistemologia de fronteiras, em tanto organiza um pensamento que qualifica e classifica, inclui e exclui, com a finalidade de ordenar. Para dominar e controlar. É, portanto, uma epistemologia cujas fronteiras estão na administração dessas fronteiras.

Mary Louise Pratt oferece uma metáfora com toques de humor, ao comparar as fronteiras teóricas às cercas dos fazendeiros para manter seus animais de raça do lado de dentro e os do vizinho do lado de fora; para impedir que entrem as raposas, ou que saiam as galinhas; para separar os touros das vacas, ou seja, para que nada selvagem entre, nada valioso saia e nenhum acasalamento imprevisto ou mistura de raças aconteça. E ela se pergunta: que aconteceria se o fazendeiro abrisse todos os portões e fosse embora para nunca mais voltar? As raposas teriam acesso às galinhas, mas estas estariam livres para ir para qualquer outro lugar, acasalamentos estranhos aconteceriam e nasceriam novas criaturas que povoariam outros espaços com sua criatividade natural de sobrevivência (Cf. PRATT, 1995).

O posicionamento do escritor latino-americano, que tem a consciência de ter sido obrigado a atravessar a fronteira e de estar fora do lugar o leva a manter uma *mirada estrábica*, com um olho na inteligência européia e o outro nas entranhas da pátria, e a transformar as tradições em “ex-tradições” como sugerido por Ricardo Piglia (1991). Esse ponto de vista privilegiado do escritor sul-americano em relação ao manejo de tradições alheias possibilita, segundo Jorge Luis Borges, “manejar todos los temas europeos, manejarlos sin supersticiones, con una irreverencia que puede tener, y ya tiene, consecuencias afortunadas” (BORGES, 1989, p. 273).

Dentro destas considerações, as teorias filosóficas de Deleuze e Guattari — hoje em um amplo debate multidisciplinar no âmbito das ciências sociais, da antropologia, das ciências políticas, da geografia e, mais recentemente, da literatura — poderiam oferecer outra possível aproximação do problema. As cartografias delimitam, através das fronteiras, e registram territórios políticos, econômicos e culturais, mas o território, como processo, pode desterritorializar-se, engajar-se em linhas de fuga e reterritorializar-se em outra parte (Cf. DELEUZE; GUATTARI, 1996).

Todas essas crises e quebras giram em torno a um conceito que, pela sua própria índole, torne-se invisível, mas cuja presença se manifesta naquilo que inclui e no que exclui — no ato de separar — que é sua função: a fronteira. Um conceito que, além de delimitar e fechar, convida à transgressão e, portanto, seria mais um âmbito de infração que de contenção. No entanto, se pensarmos bem, a transgressão seria um ato vão se a fronteira não existisse, ao mesmo tempo em que os limites que ela impõe se desfazem toda vez que é trespassada.

Visto dessa maneira, o papel do intelectual latino-americano pareceria configurar-se, sempre, como o do andaime que sustenta o esforço contínuo reparador do que foi cindido, marginalizado, esquecido, ou do que se perdeu, não só em sua produção crítica, mas também na construção ficcional (na poesia e na prosa) do escritor, insilado nos meandros da escritura, num esforço constante de abrir possibilidades para seus leitores hoje desterritorializados em seu próprio país, ou fora dele, atravessando fronteiras.

Referências

ACHUGAR, Hugo. *La biblioteca en ruinas*. Montevideo: Trilce, 1994.

_____. *Planetas sem boca*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BENEDETTI, Mario. *El ejercicio del criterio: obra crítica 1980-1994*. Buenos Aires: Seix Barral, 1995.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1984.

CAMPA, Román de la. Latinoamérica y sus nuevos cartógrafos. *Revista Iberoamericana*, Stanford, p. 697-718, jul./ dic. 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Netto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MIGNOLO, Walter. *Local histories/ global designs. Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

MORAÑA, Mabel. Crítica literaria y globalización cultural. *Papeles de Montevideo*, Montevideo, n. 1, jun. 1997.

PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: CONGRESSO ABRALIC, 2, 1991, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 1991. p. 60-66.

PRATT, Mary Louise. Comparative literature and global citizenship. In: BERNHEIMER, Charles (Ed.). *Comparative literature in the age of multiculturalism*. Londres: John Hopkins University Press, 1995.

RAMA, Ángel. *La ciudad letrada*. Hanover: Ed. del Norte, 1984.

TRIGO, Abril. Fronteras de la epistemología: epistemologías de la frontera. *Papeles de Montevideo*, Montevideo, n. 1, p. 71-89, jun. 1997.

VOLPE, Miriam. *Geografías de exilio*. Juiz de Fora: Edufjf, 2004.